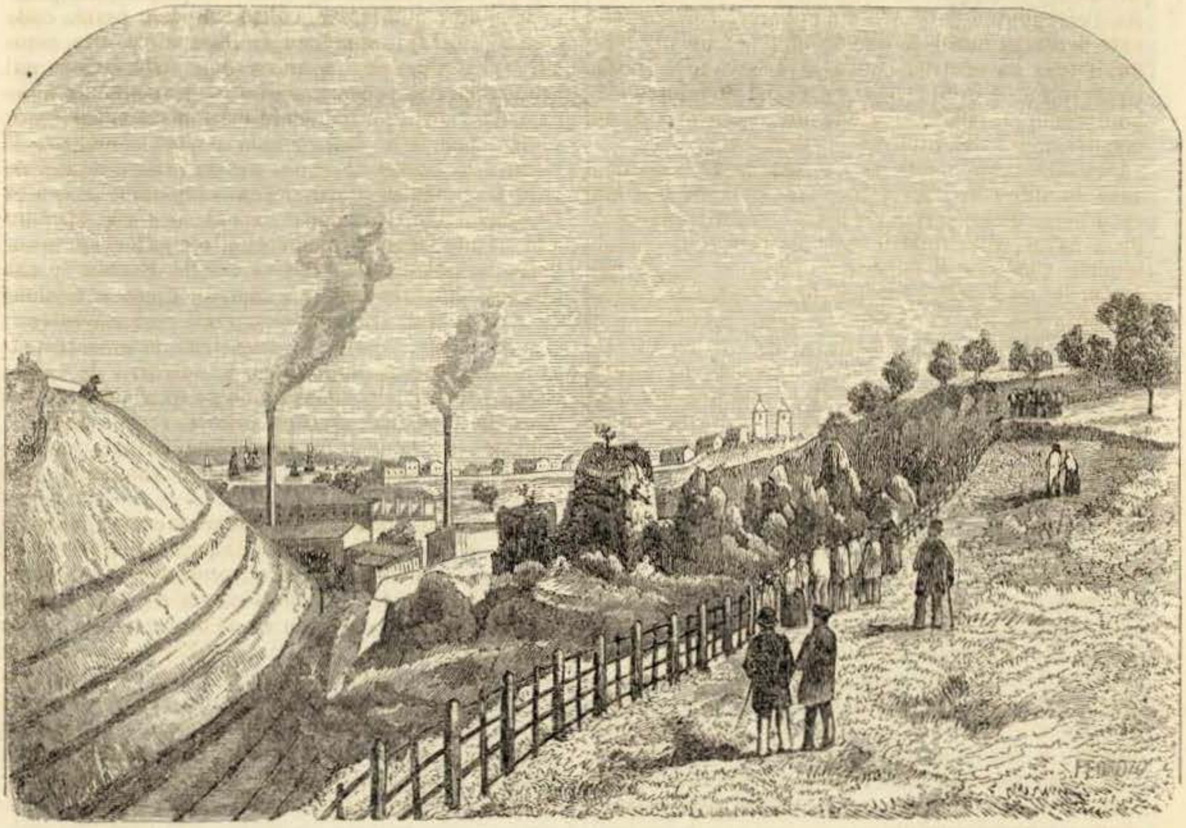


Terceiro desabamento da rampa do córte de Xabregas.

Quando a paginas 300 e 301 do volume I do nosso jornal démos a estampa do desabamento das rampas do córte de Xabregas, na linha do caminho de ferro de léste, escreveu o nosso illustrado collaborador, o sr. Carlos José Caldeira, as seguintes linhas:

« A qualidade e disposição do terreno em que foi aberta a trincheira de Xabregas é tal, que ainda se receiam mais quédas, parecendo difficil conseguir-se a completa consolidação das rampas. É por isso esta parte da linha uma das que exige, e em que ha, maior cuidado e vigilancia. Na verdade muito tempo e dinheiro se tem consumido n'esta trincheira, que se poderia talvez ter poupado, se os engenheiros que primeiro a projectaram tivessem estudado melhor o terreno, e attendido ao enorme volume de 213:429 metros cubicos, que foi necessario remover; o que, junto aos 120:000 dos desabamentos, prefaz quasi 334:000 metros cubicos que se tem até hoje extrahido do córte de Xabregas.

Parece que um tunel feito n'esta localidade seria obra não mais dispendiosa, e de certo muito mais solida. »

Não foi prophecia, mas previdencia de que não seria aquelle o unico desabamento, tendo havido já outro. A 16 do mez passado tombou novamente grande parte d'aquella enorme rampa sobre a via de communicação, entulhando-a, ficando em pé grandes e pequenos morros, e em torno d'elles grandes fendas, e tão desligada a terra que parecia não haver terreno firme, antes a cada passo um precipicio.

Os operarios, depois de terem desentulhado a via de communicação, não se atreviam a chegar ao pé dos morros que pareciam querer sotterral-os. A viação estava interrompida. Lembrou-se o emprego d'artilheria, ordenando-se que fossem duas bocas de fogo de calibre 6 áquelle ponto. O emprego d'este meio não era prudente, porque havendo para além dos morros algumas habitações, podia acontecer algum desastre. Reconheceu-se que o calibre 6 nada fazia, e para empregar calibre maior crescia o perigo. Fizeram-se comtudo, tomadas as devidas precauções, onze tiros com esphericaes [1] carregadas de polvora, os quaes produziram pouco resultado, tendo-se antes feito um tiro de aviso, para afastar a gente, assim como se deram outras providencias para evitar qualquer damno. Finalmente, vendo-se a pouca efficacia d'este meio, cessou o fogo. Só se empregou uma das bocas de fogo de calibre 6, assestada entre a via de communicação. O emprego de fornilhos e fogassas tambem não se podiam fazer alli, por haver a difficuldade da approximação aos morros, a fim de estabelecer os fornilhos ou fogassas.

Finalmente, apesar da artilheria não produzir effeito, os operarios, vendo que os tiros não tinham derrubado os morros, animaram-se, e n'essa tarde já trabalharam, com picaretas e enxadas, n'aquelles pontos onde até alli ninguem se atrevia a chegar, pelo aspecto ameaçador que apresentavam.

Inda não bastará isto para que se estude aquelle terreno, e se faça alli uma obra tal qual pede a segurança d'aquella via, acautelando-se d'este modo algum desastre, e prevenindo dispendios taes como

[1] Projectil ôcco, de ferro, contendo uma determinada carga de polvora e balas de chumbo.

os que já tem causado a leviandade, não sabemos de quem?

Não será inutil para o estudo do solo, sobre o qual se ergue aquella rampa, saber-se que logo depois d'este ultimo desabamento appareceu cheio quasi até à bocca, um poço que ha no pateo de D. Gastão, e que havia tres annos se achava completamente sêcco. Este poço dista uns 400 metros do ponto em que succedeu o desabamento, e tem de porfundidade 36 metros.

A nossa estampa representa aquelle sitio na occasião em que a artilheria jogava as esphericaes contra os morros que formou o desabamento.

D. DUARTE DE MENEZES

(Vid. pag. 105)

II

Santarem, sendo uma das povoações do reino mais ricas em monumentos, parece que por isso mesmo tem merecido mais o odio de certa gente, que das tres potencias da alma, memoria, entendimento e vontade, só admitte a ultima, e com razão, porque para fechar os olhos e descarregar uma camarteilada, é mais que sufficiente. Estas palavras são do sr. Alexandre Herculano, n'um dos brados a favor dos monumentos, proferidos no « Panorama, », quando a redacção d'aquelle excellente jornal estava a seu cargo.

Recordando-o hoje n'este, a proposito do tumulo do nosso grande capitão d'Africa, D. Duarte de Menezes, que no antecedente numero desenhámos, lembraremos aos poderes do estado, que este bello monumento funeral não está bem parado n'um quartel de tropa, e que cumpre tel-o resguardado, mas que se franqueie aos visitantes que hoje accorrem áquella villa pelo caminho de ferro de léste.

Para os que alli forem com o intento de admirar as antiguidades de Santarem, transcreveremos aqui as noticias que nos ficaram de D. Duarte de Menezes, cujo é o mausoléo que devem ir ver ao extincto convento de S. Francisco. Levem no bolso este e o antecedente num. do Archivo Pittoresco, que maior valor hão de dar áquelle monumento, da edade media.

O que hoje lhe offerecemos foi escripto pelo chronista Gomes Eanes de Azurara, ao qual, estando em Africa, el-rei D. Affonso v escreveu de seu proprio punho, que *ordenasse e ajuntasse os grandes serviços que a elle e á sua corôa tinha feito o valoroso e excellente capitão D. Duarte de Menezes, para lhe escrever a sua chronica.*

Em desempenho d'esta real ordem, compoz Azurara um livro cheio de façanhas, que se conservou inedito, até 1793, anno em que foi impresso pela academia real das sciencias de Lisboa, n'um vol. de 385 pag. em fol.

Como o codice manuscripto que possue a bibliotheca nacional tem algumas variantes do impresso, d'esse codice fizemos os extractos que vamos dar. E seja primeiro o capitulo 150, que diz assim:

COMO EL-REI ENTROU EM TERRA DE MOUROS E O CONDE D. DUARTE FOI MORTO

Havendo el-rei D. Affonso v novas de como na serra de Benacofú jaziam muitos mouros ferozes em armas, como quem desejava resolver n'aquelles actos, a cujo fim principalmente partira de seus reinos, assim que foi avisado por aquelles mouros, assim ordenou logo a sua partida, e o primeiro dia foi alojar-se ácerca do castello d'Alminhacar, onde esteve o outro dia quasi todo, principalmente porque seus cavallos tomassem alguma força para o trabalho seguinte; e antes pouco do sol posto partiu com as suas gentes, que seriam até 800 de cavallo, com pouca gente de pé, assim porque já muitos eram partidos para o reino, como por os trabalhos que tinham passado, especialmente em muitas aguas, não se offereciam já de boa vontade aos trabalhos. Eram alli principaes capitães o duque de Bragança e o conde de Guimarães e D. Affonso seus filhos, o conde de Villa Real D. Affonso de Vasconcellos, o conde de Monsanto, o conde de Vianna, e D. Henrique seu filho, e assim outros muitos fidalgos e nobres homens. Andou assim el-rei aquella noite com sua companhia, assaz trabalhosamente, depois que entrou na serra, a qual posto toda seja fragósa, as entradas e saídas o são muito mais.

Esta serra de Benacofú tem dois espinhaços, e juntam-se as aguas das chuvas no meio, onde são grandes matas e brenhas. Em cima da serra ha grandes chãos em que ha valles com muitas aguas, e em que ha muita creação, e por isso ha n'ella grande povoação, e são os moradores d'ella mui audazes, e assim por sua multidão como por a aspereza da terra, e não menos por sua fortaleza, poucas vezes querem conhecer senhorio, e ainda pela maior parte, nunca tem paz com os seus visinhos, e o seu trato quasi sempre é em Targa, e em Belez.

Como foi manhã logo as gentes começaram a se espargir para correr a serra, cada um segundo a ventura o guiava. E os mouros, pela maior parte, como amam muito as mulheres e filhos, mettiam-nos n'aquellas brenhas, cuja espessura era tal, que nenhum de cavallo sem grande risco podia entrar n'ellas; e parte d'elles ficavam de guarda n'aquelles sitios, e outros saiam a pelejar com os nossos, sequer pelos empachar que não houvessem tempo nem logar, para tentar de querer entrar as mattas, onde houve muitas pelejas, e feitos assaz assignados, tanto d'uma parte como da outra, até que em fim todo o damno foi dos mouros, de que morreram muitos. E especialmente pelejaram aquelle dia D. Affonso de Vasconcellos, em cuja companhia se ajuntou Gonçalo Vaz Coutinho, que era assaz de ardido cavalleiro, e foi aquelle senhor assaz trabalhando para salvar-se e áquelles que o seguiam, fazendo grande perda nos contrarios, não sem grande perigo, onde foi grandemente servido e ajudado de um seu pagem, que se chamava Pedro Lopes, homem certamente nobre e merecedor de muita honra, a qual tanto n'aquelle dia foi maior, quanto a idade era menos para supportar os trabalhos. Não se mostrou aquelle menos digno de louvor, nos feitos que depois seguiu no reino e em estas partes, do que se mostrou em aquelle dia servindo seu senhor. D. Henrique, filho do conde de Vianna, assim como era homem de grande coração, assim pelejou em aquelle dia mui assignadamente; livrando Alvaro de Ataide da morte, matando por si mesmo um d'aquelles que o tinham quasi preso, ferindo outros muitos e aleijando-os; até que lhe quebraram um braço com uma pedra, tendo já aquelle Alvaro de Ataide outro por similhante maneira quebrado. Vasco Martins Chichorro, por sua parte acertou mouros com quem combateu assaz, levando d'elles a victoria com muito espargimento de sangue d'aquelles infieis.

El-rei veiu pelo espigão da serra, que entrára por um d'aquelles espinhaços e saiu pelo outro, e ás vezes acudia a algumas partes mais por vontade de pelejar que por outra necessidade. E assim se foi indo até uma aldeia grande, que era como cabeça das outras, e alli esteve comendo e repousando um pedaço mandando

a Lopo de Almeida que levasse comsigo o adail e aquella gente que lhe parecesse necessaria, com que levasse a cavalgada ao fundo da serra, onde esperasse até sua ida. E abalando el-rei assaz vagarosamente, foi assim até um outeiro, onde fez repouso, ao pé do qual estava uma grande mata. «Sr., disse um d'aquelles, envia-vos dizer o conde de Vianna, que se quizerdes ver uma formosa montaria, mandeis a gente de pé com besteiros e espingardeiros que se mettam em aquella mata, e que lancem os mouros fóra que jazem dentro, e estes, os de cavallo, por de redor em arrimadas; e que havereis assaz de desenfadamento.» «Eu vejo bem, respondeu el-rei, que essa gente de pé vem toda cançada e trabalhada de andar, e perder somno duas noites ha. E a mata é espessa e fragosa, não quero que me matem um homem por quantos mouros jazem dentro.» E mandou então dizer áquelles besteiros, espingardeiros, e gente de pé, que se fossem caminho de Tetuão, porque alli entendia de ir dormir aquella noite, e elle esteve tanto espaço até lhe parecer que a gente de pé teria andado uma boa legoa. E então abalou, e após elle vinham alguns mouros.

Parece, disse el-rei, que estes mouros querem paz, porque vem assim passamente [1] sem mostrança de peleja. E por isso esteve á falla com elles, mandando-lhes fazer perguntas, se por ventura queriam ser seus, e que lhes faria aquelle favor que fazia aos outros que com elle ficaram; os quaes responderam que fallariam com os outros mouros seus visinhos, os quaes já eram no outeiro d'onde el-rei partira, assim como outros muitos que se achavam por outras partes. Estando aquelle principe esperando pela resposta um grande espaço, até que viu que tardavam, abalou para outro outeiro que estava diante, levando o seu estandarte ante si, e subiu com os de cavallo a um outeiro muito alto, e mui fragoso, cheio de muitas pedras e barrocas, onde o conde de Guimarães chegou a elle: Senhor, lhe disse, o conde de Villa Real fica na retaguarda em grande perigo, porque é aquelle outeiro d'onde ora descestes, e os mouros que jazem na mata poderão sair a elle. Por mercê mandae-lhe besteiros e espingardeiros com que se possa recolher mais seguro. Os quaes foram buscados e não foi achado algum. Porém mandou el-rei dizer ao conde de Villa Real que viesse, o qual lhe mandou responder que não fizesse senão despejar-lhe o caminho, que elle com a graça de Deus o seguiria, com honra sua e damno de seus contrarios. E isto disseram que lhe mandou dizer duas vezes ou tres. Houve então aquelle conde o outeiro d'onde el-rei partira, e ainda que o conde de Villa Real sempre fosse homem especial no officio das armas, n'este dia mereceu grande nome, porque além de se recolher á guiza de grande e nobre capitão e ardido cavalleiro, fez assaz de muito damno nos contrarios. E quanto el-rei mais estava n'aquelle outeiro, tanto os mouros mais recresciam.

Dizei, disseram elles, ao vosso rei, que não queremos com elle senão guerra; pondo as mãos nas barbas e nas cabeças, dizendo quasi com juramento que n'aquelle dia seriam vingadas a maior parte de suas injurias e damnos. Como elles viam bem como estavam os nossos em som de desbarato, descendo el-rei d'aquelle outeiro para ir para o fundo, chegavam-se os mouros das ilhargas, e feriam mal os cavallos; e fez alli el-rei com os que com elle eram, que seriam até 400, tres voltas, porém pequenas. E por isso só de rosto matou um mouro, e se o logar fôra tal, muito quizera fazer por suas mãos. E porque o perigo cada vez era maior, ia-se a gente quanto mais podia, tanto que o conde D. Duarte bradava mui rijamente, que tivessem vergonha e não desamparassem seu rei e seu estandarte, mas elles não davam attenção. E vendo-se el-rei em trabalho com os mouros, foi aconselhado que mandasse chamar o conde de Vianna, o qual dizem, dissera a Domingos da Silveira, com quem ia fallando: «Se as minhas profecias são verdadeiras, agora é a minha derradeira hora.» «Conde, lhe disse el-rei, ficae com estes mouros porque lhe conheceis as manhas, e acautelae esta gente.» «Eu não quizera, dizem que disse elle, que em tal tempo me dereis tal cuidado, principalmente porque não tenho aqui nenhum dos meus capões; estes que são presentes não fazem vosso mandado, menos farão o meu; porém pois que vós o haveis assim por vosso serviço, hei por muito bem empregado em mim mesmo qualquer coisa que me aconteça.» E então abalou el-rei, e o conde não foi enganado em seu dito, porque quasi todos partiram, onde lhe logo mataram o cavallo, e feriram a elle na trazeira, e elle a pé. Chegou-se a elle o conde de Monsanto e um escudeiro, que era filho de um criado de seu padre, que por lhe dar seu cavallo morreu alli, como bom, o qual havia nome de Nuno Martins de Villa-lobos. Trabalhou o conde de Monsanto, por tornar seu cunhado a cavallo, e porque elle tinha as pernas curtas, estava armado, e apressado dos contrarios, não pôde tão ligeiramente cavalgar como lhe cumpria; e tendo o pé esquerdo no estribo, cujo loro era mais comprido do que as suas pernas requeriam, quando quiz lançar o pé direito para a outra banda, tocou o cavallo nas ancas com a espora, o qual lançando pernadas, deu outra vez com elle no chão, onde deu grande pancada na cabeça, de que ficou assaz ferido, porém acordado. «Sr. irmão, disse elle ao conde de Monsanto, salvae vossa vida; e pois já na minha se não póde pôr remedio, ponha-m'o Deus na alma que me fez e creou, em cujas mãos me encommendo.»

E assim acabou aquelle nobre e tão honrado cavalleiro, cuja morte foi tão chorada, porém não tanto como devêra, e porque elle em toda sua vida dispendeu em servir Deus e seu rei, sendo mui verdadeiro, mui justo, mui temperado, temente a Deus, e tirou muitas almas do captiveiro, peço áquelles que lerem esta historia, que quando a este ponto chegarem, o ajudem a tirar d'alguma pena em que elle estiver. Eu piedosamente creio que cada um concorrerá com a sua oração, lembrando-se que, quem por outrem roga, por si roga.»

[1] De vagar.

ESTUDOS DA LINGUA MATERNA

Erram muitos escriptores contemporaneos empregando o adjectivo *meio*, sem lhe darem a construcção adverbial que lhe compete em muitas phrases, taes como casa *meio* feito, pessoa *meio* morta, porta *meio* aberta.

Uma casa póde estar meio feita e meia feita. Na primeira hypothese affirma-se que a casa está *feita* até metade, por exemplo, da altura em que deve ficar; na segunda que a feitura da casa está em meio.

Na primeira phrase o vocabulo *meia* é rigorosamente adjectivo, e como tal concorda com o substantivo em genero e numero; na segunda emprega-se o mesmo adjectivo adverbialmente, e então dá-se-lhe sempre a terminação masculina.

Por exemplo, quando fr. Luiz de Sousa diz que o arcebispo (D. fr Bartholomeu) levantava as mãos *meio* mortas, quiz não dizer que *meias* ou *metade* das mãos estavam mortas, mas que o amortecimen-

to d'ellas estava já em *meio*. Portanto não é indifferente empregar este vocabulo d'uma ou d'outra fórma, como se atrevem a dizer alguns grammaticos, e o consignam alguns diccionaristas na palavra adverbio.

A regra é esta: Os adjectivos tomados como adverbios são invariaveis, conservando sempre a terminação masculina.

O seguinte excerpto de Vieira (Serm. 10. 163) tira todas as duvidas, porque nos dá exemplo de ambas as hypotheses figuradas.

«Todas as nações do Oriente, de qualquer côr que sejam, fallam a lingua portugueza, mas cada uma a seu modo, como no Brasil os de Angola, e os da terra. E Xavier que fazia para que elles o entendessem? Arremedava as suas linguagens com os proprios accentos, nunca mais eloquente que quando nos tempos, nos casos, nos generos, imitava os seus barbarismos.»

«Nas terras e mares por onde o santo andou, tem a lingua portugueza avêsso e direito: o direito é como nós a fallâmos, e o avêsso como a fallam os naturaes. E Xavier para ser melhor entendido na doutrina que ensinava, não usava do direito da lingua, senão do avêsso. Aos canarins a canarina, aos malaios a malaia, aos japões a japôa.»

«Mas perguntára eu ao nuncio apostolico, ou padre mestre Francisco, onde aprendeu elle estas linguas, ou estas meias linguas? É certo que não em Paris, nem na sua universidade da Sorbona, nem em Roma, nem em Veneza, nem em Bolonha, nem em Lisboa. Mas tambem não ha duvida que só as pôde aprender no cenaculo de Jerusalem, onde o Espirito Santo desceu, não só em linguas de fogo, mas em linguas partidas. E porque eram ou foram ou haviam de ser aquellas linguas partidas? Eram linguas partidas, não só porque eram muitas linguas, senão porque eram linguas e meias linguas, como as que elle arremedava. *Meias* linguas, porque eram *meio* européas e meio indianas; meias linguas, porque eram meio politicas e meio barbaras; meias linguas, porque eram meio portuguezas, e meio de todas as outras nações que as pronunciavam ou mastigavam a seu modo.»

MORCEGOS

Este hediondo animal serve tambem, como o camelo, o cameleão e o texugo, de que já fallámos, para comparar com os homens que tem certas similhanças com elle.

Quando vemos uma pessoa tristonha, que não sáe senão de noite, dizemos que é morcego. E tal nome se dava aos soldados da extincta guarda real da policia, que foi substituida pela municipal, por andarem patrulhando de noite.

Suppozeram os antigos que os morcegos gigantes, ou vampiros, como lhes chamavam, saiam dos cadaveres que jaziam nos cemiterios, para vir sugar o sangue do coração dos vivos, e d'aqui se originou uma superstição como a das bruxas. Mais adiante diremos em que se estribava esta crença popular.

D'aqui resultou que os charlatães attribuiam grandes virtudes ao sangue do morcego, e até se acreditou que quem trazia uma cabeça d'este animalejo, secca, d'entro de uma bolsa ao pescoço, nunca tinha somno.

Felizmente todas estas abusões estão acabadas.

Passemos agora a descrever as cinco especies de morcegos, desenhados na nossa estampa, advertindo que ha muitas mais.

O morcego está entre os limites de muitas classes e ordens de animaes, porque vôa como as aves, e, similhante aos bimanos e aos quadrumanos, tem peitos e leite para criar os filhos. Uma larga membrana que lhe cobre os quatro membros, e os dedos, que são longos como virotes, lhe fórma as azas quando quer voar. Para este fim estende os dedos, que, bem como as varetas de um chapeo de sol, abrem a membrana, e agitando estas grandes azas, que são de uma pelle dura e quasi transparente, váe voando esta ave sem pennas, ao pairo de insectos, de borboletas crepusculares e nocturnas como elle, ou cáe sobre os fructos que arrebata. A especie desenhada no alto da nossa estampa (n.° 1) faz n'elles grande estrago.

A esta especie se chama vulgarmente morcego gigante, pela sua curpolencia, grandes azas e focinho de cão. É a unica frugivora, e pertence aos archipelagos do oceano Indico, ás Molucas e ás ilhas de Sunda. Aquelles povos, e principalmente os chins, os comem como gallinha; e um auctor que temos á vista, diz que, apanhados na primavera, a carne do morcego gigante tem a côr e gosto da lebre. Os europeus não lhe mettem dente, por causa do fortum que este animal tem a uma especie de almiscar.

Buffon, dando credito a relações falsas, fez este animal voraz e carniceiro. Porém uma carta de mr. de la Nux, que passou mais de cinco annos na ilha de Bourbon, onde elles se acham em grande quantidade, lhe fez mudar de opinião. Os vampiros maiores e menores da Asia e Africa sómente comem fructos; e se os viajantes deram credito a que elles se lançavam sobre os homens, e assim o divulgaram, é porque, quando estes animaes cáem na terra, não podem retomar o vôo sem subirem a alguma coisa elevada, por exemplo, a uma arvore ou outro objecto, até mesmo a qualquer homem, se elle é o primeiro apoio que encontram para subir.

Esta especie de morcegos é, entre aquelles povos, boa para comer, e váe-se no seu paiz á caça d'elles, como no nosso á do phaisão e da perdiz. Quando pousam em uma arvore, penduram-se nos ramos pelos pés, com a cabeça para o chão, envolvidos nas suas azas. Como são em grande quantidade, offerecem n'esta postura uma vista singular, quando assim guarnecem a summidade dos ramos por toda a copa da arvore.

A respeito d'estes morcegos gigantes, ou vampiros, diz o nosso Brotero: «que elles tem na extremidade da lingua muitas papillas finissimas, duras e agudas, reviradas para traz, e quasi como ferrõesinhos, que parecem servir para chupar o mel das flores, e os succos lagrimosos das palmeiras, de que estes animaes são muito ávidos. Conforme alguns zoologos (continúa), podem tambem servir para se introduzirem subtilmente nos póros da pelle do homem e dos animaes, alargal-os pouco a pouco, quasi insensivelmente, até penetrar nas veias, e em fim estabelecer a sujeição do sangue ao chupamento da lingua. Foi, provavelmente, por esta razão que o dr. Gmelin attribuiu aos vampiros da Asia e Africa a mesma propriedade que o conde de Buffon e outros zoologistas attribuem sómente ao vampiro da America, isto é, a de chupar o sangue aos homens e animaes, estando elles dormindo e sem acordar; porém não se tem até agora verificado com observações exactas similhante propriedade, nem nos vampiros da Asia e Africa, nem nos da America; no pacó de Goa, que me parece ser na realidade o vampiro maior da Asia, não me consta, até agora, que se tenha observado tal propriedade,



1, Morcego gigante, ou vampiro — 2, Morcego ferradurado — 3, Morcego da Thebaida — 4, Morcego barbastello
5, Morcego orelhudo.

e se o vampiro da America é o morcego Andira, do Brasil, como julgam alguns zoologistas modernos, tambem não tenho noticia que n'elle até agora, tal facto se tenha de modo algum reconhecido.

O morcego ferradurado (n. 2) tem o nariz guarnecido de uma borraina, em fórma de ferradura. O pello d'este morcego é cinzento escuro no lombo, e branco encardido no ventre, comprido e macio. Quando se pega ás paredes, mirra-se de tal maneira, fechado na membrana extensala, que á primeira vista parece uma chrysalida.

O morcego da Thebaida (n. 3), que o insigne naturalista Geoffroy Saint-Hilaire trouxe do Egypto, parece mesmo uma ratazana volante.

O morcego barbastello (n. 4) similha bem o focinho de lebre, excepto em ter uma hedionda mascara.

O morcego orelhudo (n. 5), assim chamado por ter as orelhas quasi do tamanho do corpo, é mui commum na Europa; gira pelas cidades, entra nas casas, e come de tudo.

Em summa, o morcego imperfeitamente quadrupede, carniceiro, insectivoro, frugivoro, ave sem bico e com tetas, quadrupede sem pés, voando rapida e subtilmente, causador innocente de temores supersticiosos, auxiliar util do homem, porque o livra de insectos nocivos, o morcego, collocado pela sua conformação nos limites de tantas ordens e classes zoologicas, não offerecerá problemas de utilidade ao classificador, até que um dia venha a ensinar ao mechanico a arte de subir aos ares, e prestar ao homem, que imitou para a navegação as barbatanas do peixe, as azas elasticas para voar?

SANTA CASILDA

(Lenda castelhana)

I

Era rei de Toledo o moiro Almenon, com quem o de Castella, D. Fernando o Magno, mantinha cordial amizade.

Este rei moiro tinha uma terna e formosissima filha, chamada Casilda.

Uma escrava castelhana contou á filha do rei moiro, que os nazarenos, os christãos, amavam o seu Deus, o seu rei, os seus paes, irmãos e esposas.

Tambem contou a escrava á filha do rei moiro, que os nazarenos nunca ficam orphãos de mãe, porque quando perdem a que os alimentou em suas entranhas, fica-lhes outra, a quem dão o nome de Maria, e que é d'elles mãe eterna.

Annos sobre annos se passaram, e Casilda foi crescendo em corpo, em formosura e em virtude. Morreu-lhe a mãe, e logo invejou a felicidade dos orphãos nazarenos.

Nos limites do jardim que rodeava o palacio do rei moiro, havia escuras masmorras, onde gemiam, famintos e carregados de cadeias, muitos captivos christãos.

Succedeu que um dia, indo Casilda passear pelos jardins de seu pae, ouviu gemer os pobres captivos. A princeza moira desatou a chorar sem consolo, e regressou ao palacio com o coração oppresso de tristeza.

II

Á porta do palacio encontrou Casilda o pae, e caindo a seus pés, lhe disse:

— Meu pae! Senhor meu pae! nas masmorras do jardim pranteia grande numero de captivos. Tira-lhes as cadeias, abre-lhes as portas da prisão, e deixa-os voltar á terra de nazarenos, onde choram, por elles, paes, irmãos, esposas e amadas.

O moiro abençoou a filha no fundo do coração, porque era bom, e amava Casilda como ás meninas dos seus olhos.

O pobre do moiro só tinha aquella filha!

E prezava sobre todos a Casilda, porque era filha sua, e, além d'isso a imagem viva da querida esposa, cuja perda chorava havia um anno.

Porém o moiro, antes de ser pae, era musulmano, era rei, e julgava-se, portanto, obrigado a castigar a audacia da filha.

Porque, lastimar os captivos christãos e pedir a sua liberdade, era um crime que o Propheta mandava castigar com a morte.

Occultou, por isso, a indulgencia da sua alma, e disse a Casilda com semblante iracundo e voz ameaçadora:

— Afasta-te, falsa crente, afasta-te! A tua lingua será cortada, e teu corpo lançado ás chammas, que tamanha pena merece quem supplica pelos nazarenos!

E ia chamar os verdugos para lhe entregar a filha!

Casilda, porém, de novo caiu aos pés de seu pae, pedindo-lhe perdão em memoria de sua mãe, a rainha, cuja morte chorava Almenon, havia um anno!

O pobre do moiro sentiu os olhos inundados de lagrimas, apertou a filha contra o coração, e perdoou-lhe dizendo:

— Guarda-te, minha filha, de pedir outra vez pelos christãos, e tambem de os lastimar, porque então não haverá misericordia para ti; o santo Propheta bem claro escreveu: — « Exterminado será o crente que não extermine os infieis. »

III

Cantavam os passaros, era azul o ceo, era de oiro o sol, abriam-se as flores, e a aragem da manhã levava ao palacio do rei moiro o perfume dos jardins.

Casilda estava triste, e chegou á janella para distrahir-se de suas melancolias.

Os jardins pareceram-lhe n'aquella hora tão bellos, que não pôde resistir ao seu encanto, e desceu a passear a tristeza que a affligia, por entre as odoriferas ramadas.

Contam que o anjo da compaixão, em fórma de mariposa formosissima, lhe saiu ao encontro, e enfeitiçou-lhe o coração e os olhos.

A mariposa voava, voava, saltava de flor em flor, e Casilda ia após d'ella sem conseguir alcançal-a.

Mariposa e donzella encontraram uns grossos muros; esta penetrou por elles, deixando alli immovel e namorada a mariposa.

Atrás d'aquelles grossos muros ouviu Casilda tristissimos lamentos, e então lembrou-se de que alli gemiam, famintos e carregados de cadeias, os pobres christãos, pelos quaes em Castella choravam paes, irmãos, esposas e amadas.

A caridade e a compaixão fortaleceram a sua alma, e illuminaram a sua intelligencia.

Casilda voltou ao palacio, e tomando viandas e oiro, dirigiu-se outra vez para as masmorras, seguindo a mariposa, que tornou a apparecer-lhe no transito.

O oiro era para comprar os carcereiros, as viandas para alimentar os captivos.

Oiro e viandas resguardava com a sáia do vestido, quando ao voltar uma rua de rosaes, encontrou seu pae, que tambem saira para distrahir por all as melancolias que o finavam.

— Que fazes aqui tão cedo, luz dos meus olhos? perguntou o moiro á filha.

A princeza córou como as rosas que a seu lado agitava a brisa da manhã, e a final respondeu:

— Vim para contemplar as flores, para ouvir trinar os passarinhos, ver o sol reflectir-se nas fontes, e respirar o ambiente perfumado dos seus jardins, meu pae.

— Que levas ahi no regaço do vestido?

Casilda chamou do mais recondito do seu coração pela mãe immortal dos nazarenos, e respondeu então;

— Pae e senhor meu, levo rosas que apanhei n'estes rosaes.

Almenon, duvidando da sinceridade de sua filha, abriu-lhe o regaço do vestido, e uma chuva de rosas alastrou o chão!

IV

Pallida estava a donzella, pallida como as açucecenas dos jardins do rei moiro, seu pae!

Conta a historia, que apenas ficava sangue nas veias de Casilda, porque, lançado a jorros, todos os dias tingia o fio de brancas perolas que brilhavam entre os labios da princeza.

Pallida estava a donzella, e o rei mouro se finava de pena vendo morrer a filha querida.

A sciencia dos medicos de Toledo não acertava em restituir a saude á princeza, e então Almenon chamou á sua côrte os mais egregios e famosos de Sevilha e Cordova.

Porém se impotente havia sido a sciencia dos primeiros, impotente era tambem a sciencia dos segundos.

— O meu reino e os meus thesouros darei ao que salve a minha filha! exclamava o pobre moiro, vendo Casilda proxima a exhalar o ultimo suspiro.

Porém, ninguem acertava a ganhar o seu reino e os seus thesouros, porque o sangue continuava tin-

gindo, lançado a jorros, o fio de brancas perolas que brilhavam entre os labios da princeza.

— «Fina-se a minha filha! (escreveu o rei de Toledo ao rei de Castella). Se em vossos reinos ha quem possa salvar-m'a, que venha, que venha, á minha corte, que lhe darei... o meu reino e os meus thesouros... dar-lhe-hei até a minha filha.»

V

Pelos reinos de Castella e de Leão soavam pregões annunciando que o rei moiro de Toledo offerecia, ao que restituisse a saude a sua filha, o seu reino e os seus thesouros, e até a filha cuja salvação anciosamente desejava.

E contam que um medico vindo da Judéa se apresentára ao rei de Castella offerecendo-se a restituir a saude á princeza moira.

Era tal a sabedoria que refulgia nas palavras d'aquelle homem, e tal a fé que inspirava a bondade que resplandecia no seu rosto, que o rei de Castella não vacillou em dar-lhe cartas, assegurando a Almenon que lhe enviava com ellas o salvador da princeza Casilda.

Apenas o medico vindo da Judéa tocou a fronte da donzella, o sangue deixou de correr, e a côr da rosa começou a tingir as pallidas faces da enferma.

— Tomae o meu reino! exclamou Almenon, louco de alegria e chorando de agradecimento.

— O meu reino não é d'este mundo, respondeu o medico vindo da Judéa.

— Tomae o meu maior thesouro! replicou o rei de Toledo designando ao medico sua filha.

O medico, fazendo um signal de acceitar, estendeu o braço para Castella, e disse:

— Ha alli umas aguas, purificadas, que hão de completar a salvação da virgem musulmana.

E no dia seguinte a princeza Casilda pisava a terra dos christãos, acompanhada sempre do medico vindo da Judéa.

VI

Casilda e o medico vindo da Judéa caminharam, caminharam, caminharam para terra dos nazarenos, e a final pararam na margem de um lago de azuladas aguas.

O medico tomou algumas gotas de agua no vazio da mão, e exclamou, derramando-as sobre a fronte da princeza.

— *Eu te baptiso em nome do Pae, do Filho, e do Espirito Santo.*

E a princeza sentiu ineffavel gozo parecido ao que outr'ora lhe contára a escrava nazarena, que sentiam os bemaventurados no paraizo.

Os joelhos dobraram-se-lhe, e os olhos fitaram-se-lhe na abobada azul do céo; e ella ouviu dulcisonos *hosannas*, que a fizeram lançar a vista em torno de si.

O medico vindo da Judéa já não estava ao seu lado, porque rodeado de scintillantes resplandores se elevava para a abobada azul do ceo.

— Quem sois, senhor, quem sois? exclamou a princeza, attonita e deslumbrada.

— Sou teu esposo, sou o que deu a saude á filha de Jairo, que padecia a doença que tu padeceste, sou o que disse: «Qualquer que deixar a casa, ou irmãos, irmãs, pae, mãe, mulher, filhos, ou terras pelo meu nome, receberá cem por um, e possuirá a vida eterna.»

Na margem do lago de azuladas aguas, que hoje chamam de S. Vicente, e está em terras de Briviesca, ha uma pobre ermida onde viveu solitaria a filha do rei moiro de Toledo, que hoje chamam *Santa Casilda*.

D. ANTONIO DE TRUEBA

BAMBOCHATAS

(GENERO DE PINTURA BURLESCA)

Se o leitor quer saber d'onde vem este termo, queira ter a bondade de nos ouvir a seguinte historia.

No meado do seculo XVII vivia um pintor hollandez chamado *Van Laer*, a quem a natureza deu a mais disforme e extravagante figura. Tinha as pernas de um ganso, o tronco de um comprimento egual, proximamente, duas vezes ao da vossa palma da mão, uma cabeça enorme e enterrada até ao meio das espadoas, olhos de boi, uma bocca que se estenderia por todo o segmento maximo da cabeça, se as orelhas se não oppozessem a isso, e um nariz... (fallae-nos d'este nariz!) vós, leitor, não podereis nunca suppor, que houvesse existido um nariz similhante, asseguro-vos, ainda mesmo que vos fosse permittido ver a temivel penca d'esse antigo ministro que, dizem, se divertia a fazer com ella eclipses do sol e da lua, tão perfeitamente, que deixava tudo ás escuras! Era, em fim, tão exquisito, que elle proprio não se podia ver sem se rir; mas, em compensação, o diabo do homem (concedei-me licença para lhe dar este nome em tom de homenagem ao seu bom humor, que de algum modo fazia esquecer as suas deformidades), o diabo do homem tinha graça devéras, e d'ella tirava um maravilhoso partido, para divertir seus companheiros.

Muito moço ainda, *Van Laer* partiu para França, a fim de estudar, mais largamente que em Hollanda, os principios da sua arte, para a qual mostrava já admiraveis disposições. Mas, ou porque não achasse em Paris pintores de merito, ou por outra qualquer razão que pouco importa conhecer, o nosso homem demorou-se pouco na elegante capital, e tomou o caminho da Italia, onde então as artes brilhavam com todo o esplendor.

Segundo o auctor d'onde estamos colhendo os presentes apontamentos, eram n'estes tempos os pintores, esculptores e architectos das quatro partes do mundo, que frequentavam Roma, uns patuscos mais perfeitos e admiraveis que todos os que nós por ahi vemos hoje. Fazei idéa! Se muito ardente era o seu amor pela gloria, não menos o nutriam pelo prazer. Todos passavam vida laboriosa e galhofeira; nenhum consultava a bilis para commentar os rigores da sorte: riam-se em commum de tudo que estava ao alcance de um epigramma; riam-se até de si proprios, quando não apparecia victima estranha.

Com taes disposições, e tal humor, é facil adivinhar como seria recebido o nosso homem. Mal o viram, logo uma gargalhada estrondosa e geral retiniu d'uma fronteira á outra do ex-imperio romano. Dizemos *geral*, porque toda a gente que pisava o solo italiano ria ás bandeiras despregadas, e o proprio *Van Laer*, com a enorme bocca, ria pela sua parte, mais forte do que todos. Mas, oh! humana vaidade! todos accordaram em que *Van Laer* era o dissipador invensivel de todas as magoas, quer fossem de raiz superficial, ou de raiz profundada, mas ninguem pôde resignar-se a ver um nome de homem n'uma caricatura hollandeza. Levantaram-se questões mui acaloradas que, não obstante, foram de instantanea duração, porque os artistas se reuniram logo em supremo conselho para baptisarem convenientemente o nosso heroe. *Van Laer* annuiu tão prompta e festivamente á idéa, que elle mesmo presidiu á assembléa, e indicou o nome de *Bambocha*, que foi approvado por unanimidade.

Bambocha continuou a ser, pelo seu espirito e artisticas vocações, o mesmo *Van Laer*, e assim che-

gou até aos sessenta, sem ter conhecido o desgosto senão do nome, quando, repentinamente, se viu desapparecer sua alegria, alterar-se-lhe a saude, e empossar-se de sua alma uma profunda melancolia.

Ah! caros leitores, foi uma tragica aventura que, á maneira de uma especie de apoplexia fulminante, metamorphoseou subitamente o galhofeiro *Bambocha* n'um verdadeiro ermitão!

Coitadinho!

Um dia de quaresma, em que petiscava n'uma boa peça de carne com quatro pintores, seus amigos, o infeliz *Bambocha* foi bispado em flagrante por um ecclesiastico. Ora, este sacerdote era, desgraçadamente, um fanatico. Não satisfeito de os ter accusado, n'essa occasião, de pouco respeitadores dos mandamentos da egreja, voltou no outro dia, reprehendeu-os de novo, e ameaçou os pobres peccadores com as religiosas correcções da inquisição.

Continuou assim todos os dias, e tão terriveis ameaças proferiu, que os cinco pintores resolveram escapar á sua colera inexoravel.

N'uma noite, pois, em que a imagem assustadora do infamado tribunal, chamado, sem duvida, por ironia, *santa inquisição*, lhes appareceu mais ameaçadora que nunca, seus espiritos se perturbaram, foram-se ao padre, e afogaram-no!

Desgraçados! não contaram com os remorços! O pobre *Van Laer* foi logo por elles atacado violentamente, de um modo inconcebivel. Debalde procurava afogar o seu crime nos prazeres. Em vão clamava pela alegria, outr'ora tão docil, tão obediente á sua voz: a alegria não vinha. Apenas lhe apparecia o



Van Laer *(Bambocha)*

spectro pallido e livido do ministro da religião que elle tinha assassinado. O desespêro roia-lhe as entranhas. Uma idéa subita lhe occorreu.

— Se fosse para a minha patria, disse elle com os seus botões.... se procurasse sob o tecto paterno.... sob esse tecto que me viu nascer, a tranquillidade da alma que me abandonou, e sem a qual ninguem póde viver feliz!....

Feita esta reflexão, póde dizer-se que não partiu, voou logo, sem mesmo se despedir dos seus amigos. Chega a Hollanda. Já seu coração bate mais livremente sobre o ceo da patria.

— Que será, exclama elle, quando eu entrar na villa onde nasci, onde a minha infancia correu tão doce e tranquilla, afagada pelos mimos inexcediveis de minha terna mãe! Oh! então esquecerei tudo, e, protegido pelas recordações tão caras de minha infancia, renascerei, sem duvida, para uma nova existencia isenta de fel e amargura.

Eil-lo de volta. Corre, vôa á casa de seu pae.... Santo Deus! o teimoso spectro esperava-o alli! A cabeça desnortêa-se-lhe: quer acabar com essa visão terrivel que jurou envenenar todas as horas da sua vida. Quer, está dito, empunha a arma do suicidio e precipita-se n'um poço!

Pobre *Bambocha!* Que fim tão triste!

Não obstante tudo quanto o leitor possa ver de ridiculo, n'estas comicas aventuras, *Bambocha*, cujas obras grotescas de tão pouca valia são aos olhos dos alcunhados *conhecedores*, foi um pintor habil e creador de um novo genero de pintura, a que os artistas italianos, para perpetuar o nome do seu singular camarada, deram o nome de *Bambocciate*. D'ahi em diante ficou-se dando esta denominação a todas as producções que se approximavam da extravagante maneira de pintar de *Van Laer*, e do italiano *Bambocciate* fizemos nós *Bambochatas*.

Ora aqui está como nos achâmos em possessão d'este termo.

N. S.

Explicação do enigma do numero antecedente.

Muitas vezes uma grande mentira encerra uma pequena verdade.

Lisboa — Typographia de Castro & Irmão — rua da Boa-Vista — Palacio do Conde de Sampaio